

## A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE PROFESSOR VEICULADA PELOS USUÁRIOS DO FACEBOOK

### *THE SOCIAL REPRESENTATION ON TEACHER OCCUPATION DISCLOSED THROUGH FACEBOOK FANPAGES*

Messias Dieb<sup>1</sup>  
Gabriela de Aguiar Carvalho<sup>2</sup>  
Jamilley L. Vasconcelos<sup>3</sup>

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo descrever alguns aspectos da representação social sobre a profissão de professor que é divulgada pelo Facebook. O texto toma como base teórica as proposições de Serge Moscovici (1978) sobre a formulação e divulgação de representações pelos agrupamentos sociais contemporâneos. Nesse sentido, realizamos a pesquisa a partir das redes sociais da internet, em especial as que se formaram nas *fanpages*: a) “Profissão Professor”, b) “Professor dá Depressão” e c) “Acorda Cidadão!”, todas ambientadas no Facebook. Para a produção de dados, realizamos entrevistas com os internautas que visitam e curtem essas *fanpages*, bem como analisamos o conteúdo de seus comentários sobre as imagens postadas acerca da profissão de professor. Os dados revelam que a representação social sobre o professor se refere àquele sujeito que trabalha exaustivamente, ganha pouco em relação ao que trabalha e, por isso, é alguém malsucedido na vida. Os dados permitem afirmar que essa representação se configura envolvendo os seguintes aspectos: 1) Ser professor não é visto como profissão; 2) Ser professor é símbolo de desprestígio social; 3) Ser professor é símbolo de um trabalho estressante; e, finalmente, 4) Ser professor é motivo de piada em relação ao que ganha.

**Palavras-chave:** Representação Social. Ser Professor. Fanpages do Facebook.

#### ABSTRACT

*In this paper we describe some aspects of the social representation on teacher occupation that is publicized by Facebook users. The theoretical bases for data analysis were Moscovici's (1978) propositions about the formulation and exposition of representations by contemporaneous social groups. The research was made from the fanpages called: a) “Profissão Professor”, b) “Professor da Depressão” e c) “Acorda Cidadão!”, all of them settled on Facebook. In addition to images-based message content analysis, we interviewed the users of the fan pages and analyzed their comments and likes on Facebook about being and working as a teacher. The data reveal that the social representation on teacher refers to somebody who works exhaustively and earns less money than he/her deserves. Because of this, teachers are seen as persons who were not successful in their professional choices. Thus, the main aspects that shape this social representation are: 1) not to be a professional; 2) low social prestige; 3) stressed work; and, finally, 4) object for anecdotes.*

**Key-words:** Social Representation. Be Teacher. Fanpages on Facebook.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC.  
E-mail: [mhdieb@gmail.com](mailto:mhdieb@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: [gabrieladeaguiarcarvalho@gmail.com](mailto:gabrieladeaguiarcarvalho@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: [jamilley@yahoo.com.br](mailto:jamilley@yahoo.com.br)

## Introdução

Neste texto, discutimos alguns aspectos da representação social do *Ser Professor* que é comumente veiculada nas redes sociais abrigadas pelo Facebook. A escolha desse *site* de redes sociais para realizar a pesquisa se deve ao fato que o Facebook está presente em diversos países sendo acessado por milhares de pessoas, que o utilizam para criar redes sociais para se comunicar, expressar e compartilhar ideias sobre fatos e acontecimentos presentes na sociedade. É comum encontrarmos, neste popularíssimo *site* de relacionamentos, algumas *fanpages* que falam sobre diversas profissões, sendo uma das mais comuns a ocupação de professor. As *fanpages* que encontramos com maior ênfase na profissão docente foram: “Profissão Professor”, “Professor da Depressão”, “Professores Sofredores”, “Aos Mestres da Educação”.

Nessas *fanpages*, encontramos diversas postagens que versam sobre a profissão docente, sendo que algumas enobrecem e valorizam a profissão enquanto outras postagens, com conteúdos lúdicos, engraçados, descrevem uma imagem não muito enobrecedora do “Ser Professor”. Desse modo, ao percebermos que o Facebook é um dos *sites* de redes sociais mais utilizados no mundo e no Brasil, passamos a nos perguntar: qual é a imagem de professor mais propagada nas redes sociais que ele abriga? De um modo mais científico, elaboramos as seguintes questões: quais os principais aspectos da Representação Social do Ser professor que está sendo veiculada pelo Facebook? Como essa representação está configurada?

Para melhor organizar a discussão em torno dessa questão, o presente artigo está dividido da seguinte maneira: primeiramente, apresentaremos alguns postulados básicos da teoria da Representação Social de Serge Moscovici (1978), sistematizados e ampliados por Denise Jodelet (1989; 2001), os quais fundamentam a nossa pesquisa. Em seguida, falaremos sobre o processo metodológico percorrido ao longo da pesquisa. Por fim, discutiremos os achados da pesquisa, a partir dos quais teceremos alguns comentários sobre o modo como o professor é representado socialmente.

## A teoria e o conceito de representações sociais: origem e proposições

A teoria das Representações Sociais (TRS) nasce com base na ideia de Representações Coletivas de Durkheim (2001). A teoria de Durkheim defende que a

representação de algo ou de alguma coisa (fato ou acontecimento), presente em nossa sociedade, não seria construída pelo sujeito, mas herdada por ele. Nesse sentido, o sujeito não teria participação ativa na construção dessa representação, pois o coletivo domina o individual. Desta forma, as Representações Coletivas não sofreriam modificações ao longo das gerações e permaneceriam inalteradas.

Com algumas modificações na estrutura dessa teorização, surge, no final da década de 1950, a teoria da Representação Social tendo como seu principal mentor Serge Moscovici. Ao contrário de Durkheim, Moscovici (1978) defende que as representações se modificam ao longo dos tempos e os indivíduos têm uma participação ativa nessa construção. Por este motivo, ele atribui o adjetivo social ao invés de coletiva à representação, visto que tal fenômeno acontece entre os indivíduos em pleno processo de interação social. Sobre esse aspecto, Ângela Arruda (1992, p. 119), baseada nas afirmações de Moscovici, explica que

as tradições existem para serem quebradas, especialmente quando suas ideias ficam ultrapassadas; no caso, o termo 'coletiva' assumia um significado de força coercitiva sobre os indivíduos; assim, representações adquiriam caráter, se não transcendental, pelo menos supra individual, como se cada pessoa carregasse a marca delas impressa em si, mas sem se saber como elas haviam sido concebidas e modeladas. Pairava o mistério sobre a maneira como elas ganhavam vida e como nos faziam funcionar em sociedade. (grifo no original).

Percebemos, portanto, na citação acima, algumas das principais apreciações que Moscovici fez sobre a teoria das Representações Coletivas de Durkheim. Desta forma, as Representações Sociais (RS) que hoje existem podem não ser as mesmas sem uma geração futura, pois elas se modificam à medida em que em são propagadas pelos indivíduos, sobretudo porque elas são situadas sócio, histórico e culturalmente.

Como a própria expressão denominadora deste fenômeno enfatiza, as RS surgem a partir de algo discutido e compartilhado socialmente entre os indivíduos, o que implica que elas não são algo pronto, mas sim passível de modificações. Nessa perspectiva, Denise Jodelet (1989, p. 36), principal divulgadora da teoria, afirma que as RS são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, tendo uma intenção prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Portanto, elas nascem dos diálogos, das conversações entre os indivíduos, os quais divulgam e

propagam ideias variadas sobre um determinado objeto para outros sujeitos, tornando-se, assim, um conhecimento partilhado no social.

Vale ressaltar que nem todo objeto gera uma representação social, tampouco tudo que é discutido socialmente. Diversos fatos acontecem diariamente em nosso meio social, mas logo passam e não geram uma representação. Desta forma, podemos dizer que uma representação é social quando passa a fazer parte da realidade, do cotidiano dos indivíduos e quando os mesmos compartilham da ideia propagada como um elemento importante na condução de suas práticas. Em outros termos, as RS surgem das conversações, no interior das quais se produzem os saberes populares e, do mesmo modo, surge o senso comum. Portanto, são saberes que têm como objetivo tornar real/concreto algo que está presente no pensamento dos sujeitos, que faz parte da realidade dos indivíduos e, desta maneira, quanto mais uma ideia for propagada pelos indivíduos em seu meio social, mais chances esta terá de se tornar uma representações social.

### **Dos processos de construção da representação social**

Nesta parte do artigo, falaremos sobre os dois processos de construção de uma representação social que foram identificados por Moscovici (1978): a objetivação e a ancoragem. Por este primeiro, o sujeito dá materialidade a um objeto abstrato, transportando-o para uma realidade familiar, enquanto, pelo segundo, dá ao objeto representado um sentido, interpretando-o de acordo com as relações sociais experienciadas. Para o autor, a objetivação consiste em tornar concreto algo presente no imaginário dos sujeitos, ou seja, trazer uma ideia do nível do abstrato para se tornar real, perceptível e comunicável, por meio da ancoragem, no universo de ideias já conhecidas das pessoas.

Para melhor explicar esse processo, Arruda (1992, p. 124) afirma que “a objetivação é uma operação imagética e estruturante. Por que? Porque cabe a ela ‘agenciar’ e dar forma concreta aos conhecimentos relativos ao objeto de representação”. Com base nesse pressuposto, Doise (2001, p. 190) sugere aos pesquisadores da área que uma ênfase maior seja dada ao estudo da ancoragem das atitudes nas relações sociais que as produzem, pois, dessa maneira, as atitudes estariam sendo também estudadas como RS. O autor defende que o estudo da ancoragem tem uma importância fundamental “para aqueles que desejam associar o psicológico e o sociológico, a fim de liberar as pesquisas sobre as

atitudes de sua centração por demasiado exclusiva na organização psicológica individual”. Seguindo o raciocínio de Doise, podemos dizer que a transformação do abstrato em concreto (objetivação) se dá ao nível psicológico e, por isso, a atitude de um sujeito frente ao objeto de representação pode ser considerada como o elemento que traduz essa transformação. Em outras palavras, a atitude implica naturalmente o resultado ou o produto imediato da objetivação e, desse modo, é no estudo da ancoragem das atitudes que se pode conhecer as representações de um determinado grupo social.

Apesar de seu caráter psicológico, essas duas atividades recebem uma influência direta do contexto social em que estão inseridos os indivíduos, com suas experiências e suas histórias de vida. Por essa razão, as RS revelam uma íntima relação entre uma figura (imagem) e um conceito socializado (significação), ou seja, o produto proveniente da primeira dessas duas atividades mentais é conceituado por uma categoria socialmente compartilhada pelos sujeitos produtores da representação no segundo processo. Assim, a representação configura-se como uma atividade humana que é psíquica e social ao mesmo tempo.

Com base nesses aspectos teóricos, discutimos a representação social do *Ser Professor* veiculada pelas *fanpages* a) “Profissão Professor”, b) “Professor da Depressão” e c) “Acorda Cidadão! Movimento de Cidadania e Politização”, alojadas no Facebook, focalizando a concretude das imagens/postagens que são compartilhadas pelos sujeitos que dela participam. Além disso, para compreendermos a ancoragem dessas imagens, analisamos tanto os comentários que os sujeitos fazem acerca das situações que elas ilustram como suas respostas a algumas questões de entrevistas, as quais foram realizadas através do recurso de bate-papo que o Facebook disponibiliza.

## **Metodologia**

Para operacionalizar nossas ações no decorrer da pesquisa, em primeiro lugar visitamos as *fanpages* “Profissão Professor”, “Professor da Depressão” e “Acorda Cidadão! Movimento de Cidadania e Politização”. Ao visitar essas *fanpages*, buscamos identificar as imagens que falavam sobre a profissão professor e, principalmente, as imagens que usavam o recurso da ludicidade para veicular representações sociais de

professor, nosso objeto de estudo. Perguntávamo-nos, o que essas imagens carregadas de ludicidade queriam realmente transmitir sobre a profissão professor?

Por meio do recurso de captação de tela, permitida pelo acionamento da tecla *printscreen*<sup>4</sup> do teclado, salvamos imagens que compuseram o conjunto de dados da pesquisa. Os critérios que nos orientaram na captação das imagens tem a ver com os botões curtir e compartilhar fornecidos pelo Facebook. Por esta razão, ficamos atentos às ações de curtir e compartilhar como critérios importantes para selecionar as imagens. Procedemos assim porque acreditamos que quanto mais curtidas e compartilhamentos uma imagem alcança na *fanpage*, maior a probabilidade de circulação da representação social de professor em toda a rede social mais ampla. Além disso, usando arquivo de Word, construímos um banco de dados formado apenas por comentários relativos às imagens selecionadas. É importante a ressalva de que não alteramos nada na escrita dos comentários, de modo que podem surgir falhas de digitação ou marcas de um registro não formal da escrita canônica. A única codificação que fizemos nos comentários foi a sua enumeração em ordem crescente, pois assim garantimos a proteção das faces dos nossos colaboradores. Optar por trabalhar com os comentários é uma decisão metodológica importante porque acreditamos que esses dados nos revelariam muito sobre as atitudes dos sujeitos frente à representação social de professor veiculada, compartilhada e comentada nessas *fanpages*.

Além da seleção das imagens e do banco de dados dos comentários, resolvemos expandir os dados por meio da realização de entrevistas com alguns sujeitos que aceitaram o nosso convite. Além do aceite ao convite, os sujeitos deveriam ser os mesmos que tinham compartilhado essas imagens em sua página pessoal no Facebook. Contudo, conseguir entrevistar os sujeitos foi a parte mais difícil da pesquisa, pois, inicialmente, postamos uma mensagem no grupo “Professor da Depressão”, solicitando a colaboração dos sujeitos, mas não obtivemos resultado. Compreendemos o receio das pessoas em hesitar participar da pesquisa, pois, elas não apenas nos conheciam pessoalmente, como também não podiam ter a certeza se a pesquisa era verídica. Então, decidimos utilizar outro método para conseguir entrevistar os sujeitos, que foi o de entrar em contato, via inbox ou caixa de mensagens individuais disponibilizada pelo Facebook, com os administradores das *fanpages*.

---

<sup>4</sup> Nos estudos em linguagem e tecnologia, a realização de *printscreens* para capturar telas e imagens da internet tem sido vista como procedimentos metodológicos (YUAN, 2003; ARAÚJO, 2006).

Entendíamos que os seguidores das *fanpages* sentiriam maior segurança em participar de uma pesquisa indicada pelo próprio administrador do grupo. E assim aconteceu, pois várias pessoas se dispuseram a participar da entrevista. No entanto, em função da falta de tempo dos colaboradores, só conseguimos realizar quatro entrevistas. As entrevistas ocorreram via *inbox* do Facebook e também por e-mail.

Após arquivar as imagens, os comentários e as entrevistas, iniciamos o processo de triangulação dos dados por meio da técnica conhecida como análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Seguindo esse processo de análise, percorremos as três fases analíticas sugeridas pela autora: pré-análise, inferência e interpretação. Essas etapas nos permitiram chegar bem próximo do significado do conteúdo das mensagens contidas, especialmente, nos comentários sobre a profissão professor postados pelos seguidores e visitantes das *fanpages*. Assim, chegamos às seguintes categorias de análise: 1) Ser professor não é visto como profissão; 2) Ser professor é símbolo de desprestígio social; 3) Ser professor é símbolo de um trabalho estressante; e, finalmente, 4) Ser professor é motivo de piada em relação ao que ganha.

### **Análise dos Resultados**

Ao visitar essas *fanpages*, chamou-nos a atenção a diferença quantitativa dos movimentos de curtir e compartilhar algumas imagens, pois, enquanto que uma imagem que valorizava e enobrecia a profissão docente apresentava cerca de 5.900 compartilhamentos, nos deparamos com outra imagem que desprestigiava a profissão docente com cerca de 30.600 compartilhamentos. Por que as pessoas que fazem uso do Facebook curtem e compartilham imagens envoltas de ludicidade, mas que na verdade desvalorizam a imagem do professor? Que imagem de professor é esta que está sendo veiculada nas *fanpages* desse grande site de redes sociais? Qual é a Representação Social de professor que está circulando e sendo difundido no Facebook? Apresentaremos a seguir os achados encontrados nesta pesquisa.

Ao analisar as imagens propagadas nestas *fanpages* visitadas via Facebook sobre a *Profissão Professor*, percebemos que o professor é aquele que trabalha exaustivamente, ganha pouco em relação ao que trabalha e, por isso, é malsucedido na vida. Esta, portanto, é a Representação Social do professor mais comumente veiculada nas redes sociais do Facebook. Na tabela abaixo, apresentamos alguns aspectos relacionados à representação

social do professor, considerando as categorias de análise que emergiram do conjunto dos dados que organizamos.

ASPECTO DA REPRESENTAÇÃO	NÚMERO TOTAL DE COMPARTILHAMENTOS	NÚMERO TOTAL DE COMENTÁRIOS
Ser professor não é visto como profissão	12.272	150
Ser professor é símbolo de desprestígio social	4.178	125
Ser professor é símbolo de um trabalho estressante	33.954	631
Ser professor é motivo de piada em relação ao que ganha	32.211	184

**Tabela 1 – Aspectos quantitativos relacionados a Representação Social do “ser professor” nas *fanpages* do Facebook analisadas**

Percebemos na tabela, acima, uma imensa quantidade de compartilhamentos e comentários de algumas imagens, que representam, por exemplo, a quantidade de pessoas que compartilharam em sua rede social algumas imagens. Os números são relevantes porque elas sinalizam para o poder que uma rede social tem na disseminação de representações sociais que, nem sempre, são construtivas de uma sociedade mais harmoniosa. No caso aqui em tela, mostramos cinco aspectos relacionados à representação social de professor que identificamos na pesquisa, que é aquele que trabalha exaustivamente, ganha pouco em relação ao que trabalha e, por isso, é malsucedido na vida. Como podemos ver na tabela acima, os aspectos com maiores vínculos à imagem de uma profissão malsucedida são os mais comentados e mais compartilhados, os quais passaremos a discutir com mais detalhes na sequência.

## Ser professor não é visto como profissão

## Postagem 1



## Postagem 2



Os números dessa postagem 1 são altos e mostram o quanto a ideia de que a docência não é vista como profissão relevante circula naturalmente na rede social. Afinal 1.373 curtidas e 11.216 compartilhamentos na postagem 1 (até o momento em que coletamos essa imagem) são dados importantes porque apontam para a objetivação da representação de professor em uma imagem de uma mulher usando óculos, presa ao livro didático, ensinando cálculos matemáticos para um aluno da educação infantil. É curioso notar que a sociedade pensa que as aulas na educação infantil devem seguir o mesmo *script* das aulas de outros níveis da educação básica, o que demonstra um profundo desconhecimento dessa importante parte da educação básica. Na educação infantil, lugar para ensinar valores e atitudes por meio de um currículo bastante diferenciado, não é comum a cena de uma professora, ensinando cálculos matemáticos para suas crianças.

O fato de a professora estar segurando o livro didático parece revelar que a sociedade não acredita muito em sua capacidade autoral e reflexiva e, por isso, usa apoios como o livro e outros recursos. Percebemos, ainda, que no cenário, além da professora, existe uma criança que, na verdade, representa a sociedade e não exatamente a criança. A voz atribuída ao aluno que divide o cenário com o professor é a voz da sociedade que pensa que o professor não trabalha, mas “apenas dá aula”. Portanto, a criança da imagem é

uma estratégia discursiva para representar o que a sociedade pensa acerca do trabalho docente. Ser professor, no contexto brasileiro, não é uma profissão que exige formação universitária, mas um bico para ajudar no orçamento familiar. É interessante observar que a postagem 1 coloca em cena uma mulher como professora, sinalizando que a mulher, que já compõe um dos grupos de minorias no Brasil, não pode ser uma cidadã e uma profissional produtiva e, por isso, deve se reduzir à mera função de professora cuja ocupação, segundo a imagem, não se eleva ao *status* de uma profissão nobre e reconhecida socialmente.

Na postagem 2, mais uma vez, a representação de professor é objetivada pela imagem de uma mulher (e não de um homem) que, ao escrever no quadro as suas despesas do mês, chora ao se deparar com o seu contracheque salarial de docente. Esta imagem promove uma humilhação pública do profissional da docência por algumas razões. Em primeiro lugar, destaca a divulgação do contracheque da professora por ela mesma, cena que não é muito típica nas salas de aula. Em segundo lugar, é uma imagem pensada para fragilizar socialmente a personagem que é exposta como uma pessoa desequilibrada emocionalmente, que expõe suas finanças pessoais no quadro, quando deveria estar ministrando a aula para seus alunos. A figura mostra que os alunos são, emocionalmente, mais adultos que a professora, pois percebem que a ação da docente não condiz com a cena pedagógica esperada pelos estudantes e pela sociedade. Até o momento em que captamos essa imagem para nosso banco de dados, 151 pessoas curtiram essa postagem e mais de 1.000 pessoas haviam compartilhado pela rede social.

As duas imagens se complementam, pois o fato do trabalho docente não ser considerado uma profissão, acaba por naturalizar a ideia de que o professor deve mesmo ter uma baixa remuneração e, em função disso, busque outras alternativas de trabalho. Portanto, o professor, além da carga que assume pelo trabalho docente, necessita desempenhar outra ocupação, caso queira garantir um orçamento menos apertado. Vejamos abaixo os comentários de alguns internautas relacionados a essa representação.

Folgado hei... Somos tão desvalorizados que o menino nem sabe o que é ser professor. **(Comentário 01)**

Um aluno meu já me fez essa pergunta, infelizmente é a nossa realidade. **(Comentário 02)**

Cansei de ouvir essa pergunta durante os meus trinta anos de docência! **(Comentário 03)**

Já ouvi isso mais de uma vez!! Afinal tem vários professores que são “obrigados” a ter mais um ou dois trabalhos para viver... **(Comentário 04)**

Já me fizeram essa pergunta, como se dar aula não fosse trabalho! (**Comentário 05**)

Eh constrangedora essa situação em que nós professores nos deparamos na maioria dos meses. (**Comentário 06**)

Como podemos perceber nos comentários acima, essa realidade faz parte da vida cotidiana dos docentes. Ser professor, portanto, representa uma profissão simbolicamente desrespeitada e desprestigiada.

Como nossos colaboradores apontam em seus comentários, dentro de suas próprias salas de aula, as vozes sociais ecoam por meio de seus alunos lembrando-lhes qual o valor que o docente tem na “pátria gentil” com outras questões, menos com a Educação. Os comentários mostram que esse aspecto da representação social de professor é tão consolidado que um dos sujeitos afirmam que ouve a repetição dessa ideia pelos seus 30 anos de profissão, mostrando que estamos diante de um genuíno objeto de representação social, pois a ideia de que o professor precisa de mais de uma ocupação profissional não apenas vem se repetindo no cotidiano profissional desses indivíduos como também é compartilhada e propagada hoje em dia pelas redes sociais. De fato, o professor é uma ocupação desprestigiada na cultura brasileira.

### Ser professor é símbolo de desprestígio social

#### Postagem 3



#### Postagem 4



Quando a figura masculina aparece nas imagens é para representar uma função que não é a docência. Se aparecer como um docente, será para ridicularizar a profissão. No caso da postagem 3, com quase 800 curtidas e mais de 3.000 compartilhamentos, a figura masculina é de alguém que exerce a função de parlamentar. A imagem permite a interpretação de que ser deputado é ocupar uma função que equivale a estar vivo, atuante, feliz e produtivo. Ao passo que ser docente equivale ao fracasso, ao desprestígio e, portanto, à morte social. Evidentemente, a palavra *contracheque*, na postagem 3, permite a discussão, perigosamente já naturalizada em nosso país, de que de ambas as ocupações sociais (deputado e professor) devem ter remunerações distintas. Enquanto o professor, por assumir uma ocupação profissional desprestigiada, deve receber um salário de morte, o deputado, ao contrário, deve receber o *contracheque*<sup>5</sup> com um valor tão alto que chega a ser um ultraje aos trabalhadores do país.

Já a postagem 4 traz para cena duas mulheres, pois as ocupações de ambas as personagens são desprestigiadas: professora e faxineira, postos que, no imaginário social, jamais podem ser assumidos pela figura masculina. O discurso que se mostra nessa postagem se objetiva na imagem de uma professora que decide mudar de profissão, devido ao baixo salário que recebia. Mais uma vez, a imagem, cujo alcance na rede social é de 146 curtidas e 826 compartilhamentos, ridiculariza e desprestigia a profissão docente. Além disso, alimenta o perigoso discurso de que, no Brasil, estudar não vale a pena, pois ser faxineira é uma ocupação financeiramente bem mais rentável do que o trabalho de professor<sup>6</sup>.

É importante assinalar que, ao analisarmos a postagem 4, não temos a intenção de desprestigiar o trabalho da funcionária doméstica, mas queremos apenas chamar a atenção para estratégia ardilosa de um discurso que humilha a mulher nas diferentes funções que exerce seja estudando para ocupar uma profissão no mercado de trabalho ou não. Enfatizamos ainda que se perguntássemos a um sujeito que é médico, mas que exerce, concomitantemente a profissão de professor em uma instituição superior de ensino, por exemplo, qual a sua profissão, ele dificilmente responderá que é professor, provavelmente

---

<sup>5</sup> Segundo o portal do G1, no Estado do CE, “atualmente, cada deputado estadual recebe subsídio mensal de R\$ 20.042,35. Além dos subsídios, os parlamentares têm para as despesas com comunicação, transporte e outros serviços a Verba de Desempenho Parlamentar (VDP) no valor de R\$ 22 mil, e a verba para contratação de assessores, no valor de R\$ 58 mil. Cada parlamentar pode ter no mínimo sete e no máximo 35 assessores”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/03/deputados-estaduais-no-ceara-aprovam-fim-do-14-e-15-salarios.html>>. Acesso em 26 jun de 2014.

<sup>6</sup> Um professor da rede municipal de Fortaleza, no CE, tem a remuneração mensal de R\$ 1.693,33.

responderá que é médico, pois esta atitude se ancora e se objetiva na imagem de uma profissão mais prestigiada socialmente.

Vejamos os comentários que enfatizam esse desprestígio profissional do professor em nosso meio social.

Realmente, faxineira anda ganhando bem mais. (Comentário 07)

(...). Os professores no Brasil é que são muito desvalorizados. (Comentário 08)

Seja comentando, seja curtindo ou compartilhando, percebemos nos dados de nossa pesquisa que as atitudes das pessoas diante da profissão docente é de desconfiança e compaixão, fortalecendo a ideia de que ser professor é estar em um cargo desvalorizado socialmente, seja porque ganha pouco, seja devido às más condições de trabalho a que esse profissional está submetido. Mesmo assim, o lugar a que é imposto a assumir o obriga a desenvolver inúmeros papéis, conforme mostraremos na sequência do nosso exercício de análise.

### Ser professor é símbolo de um trabalho estressante

#### Postagem 5



#### Postagem 6



A postagem 5 alcançou mais de 2.000 curtidas e mais de 9.000 compartilhamentos. O sucesso dessa imagem não está apenas na quadrinização do discurso de desvalorização do professor, mas nas várias imagens que a sociedade constrói para ancorar a ideia de quem trabalha nessa seara. Em quase todos os quadrinhos, a figura feminina, mais uma vez, é o pivô da representação do ser professor.

O primeiro quadro, dentro da postagem 5, mostra uma imagem mais prototípica que os antigos tinham acerca dessa profissão e, por isso, ela é atribuída aos pais do professor. O segundo quadro é atribuído ao que os amigos do professor pensa sobre como é a sua situação em seu cotidiano de trabalho, uma pessoa completamente dominada pelos alunos. Destaque para o terceiro quadro no qual a imagem de professor da educação infantil é reduzida a função de babá (DIEB, 2012), haja visto o desconhecimento da sociedade das especificidades da educação infantil como uma prática profissional cuja natureza do trabalho associa o cuidar do educar simultaneamente. Além disso, a imagem ainda traz perigosas ideias sobre o que é ser professor quando relaciona a imagem de professora a de uma prostituta (quarto quadro), à escrava (quinto quadro) ou a um mágico (sexto quadro da sequência), que precisa desse recurso para dar conta das tarefas que desempenha.

Sabemos que a prostituição, mesmo sendo reconhecida, por força de lei, como uma profissão, é tão desvalorizada quanto a de professor. Idem para o trabalho escravo que representa que os grandes reconhecem a força de trabalho, mas não querem remunerar e nem valorizar o esforço do qual também não abre mão. A figura do mágico é, finalmente, trazido para imagem para coroar a série de contras sentidos ao qual o professor é relacionado de maneira, arditosamente, natural. Apenas um mágico conseguiria trabalhar em instituições escolares com a falta de recursos pedagógicos, tendo que lecionar em várias salas com cerca de 30 a 40 alunos por turno e ainda receber um salário precário.

A postagem 6 é objetivada pela imagem de uma coruja, símbolo do curso de Pedagogia. A coruja, no contexto da postagem, representa o estado físico-mental do professor antes e depois de uma semana intensa de trabalho. Esta imagem demonstra a dura rotina e jornada de trabalho em que os professores são submetidos no exercício da profissão. Contudo, toda e qualquer ocupação profissional poderia estar associada a essa imagem, pois todos os trabalhadores assumem, semanalmente, as funções próprias de seu trabalho.

Mas é importante salientar a maneira como a sociedade enxerga o professor que sai de sua escola na sexta-feira. Os mais de 24.000 compartilhamentos alcançados pela postagem 6 nos autorizam a dizer que, dificilmente, um médico, por exemplo, seria representado como a coruja da sexta-feira, mesmo sabendo que ele tenha enfrentada uma semana e até plantão complexos. Sendo assim, para além de um discurso rancoroso, nossa análise quer chamar a atenção para um movimento de naturalização de desprestígio da

docência no Brasil que pode ser capturado pelo estudo das representações sociais ou de qualquer outra perspectiva teórica. Os professores se sentem sozinhos, isolados e pedem ajuda à sociedade, como podemos vislumbrar pelos comentários abaixo.

“Como o governo me vê” deveria ser uma foto de um saco de lixo, pq o governo não tá nem aí pros professores. **(Comentário 09)**

Realmente... somos mágicos (as) com esse salário... e escravos (as) de cada governo que assume o poder !!!!! Só querem quantidade, sem pensar na qualidade... **(Comentário 10)**

Como eu me vejo “Palhaço”. **(Comentário 11)**

Somos babás, psicólogas, mães, assistentes sociais e o governo ainda acha pouco. **(Comentário 12)**

Uma mágica a cada dia, ou melhor várias... com o salário, com os horários, com as tarefas, com os alunos... **(Comentário 13)**

Infelizmente é assim mesmo q o governo vê os profissionais, q formam; não só outros profissionais como cidadãos, e, diga-se de passagem, q ser cidadão é ser consciente do seu papel na vida e na realidade da sociedade em q se vive, atuando para melhorá-la sempre. **(Comentário 14)**

(...) no início da semana nós vamos pra escola sempre motivados, empolgados e na sexta-feira estamos exaustos, pois além de termos nos dado por demais, sendo sugados pelos alunos ainda temos que suportar mal criações e desaforos de todos os lados: alunos, pais, outros professores, coordenação e direção. **(Entrevista01)**

(...) é uma imagem engraçada, imagem conotativa da realidade, dia a dia do professor, o professor após um período de trabalho sente-se desmotivado, cansado, preocupado, desesperançado, sistema emocional abalado. **(Entrevista02)**

(...) é um desgaste muito grande trabalhar na educação nos dias de hoje, as crianças de hoje, não tem a mesma educação vindo de casa como antigamente, são mais elétricas, ativas e não tem mais medo de “cara feia”, sendo assim desgasta o professor no seu dia a dia, que muitas vezes além de ensinar tem que fazer o papel dos pais. **(Entrevista 04)**

Esses comentários mostram as atitudes das pessoas diante dos aspectos que formam a representação social de professor e, por isso, palavras-chave se destaquem nesses comentários e/ou trechos das entrevistas. Assim, palavras e/ou expressões como *saco de lixo*, *mágicos*, *escravos*, *palhaço*, *babás*, *psicólogas*, *mães*, *assistentes sociais*, *desmotivado*, *cansado*, *preocupado*, *desesperançado* entre outras devem chamar a nossa atenção porque elas revelam como os docentes deste país se sentem. A evocação da palavra palhaço mostra que o professor é motivo de piada e este é um dos aspectos que compõe a representação social aqui estudada.

## Ser professor é motivo de piada em relação ao que ganha

## Postagem 7



Curtir · Comentar · Compartilhar

820 pessoas curtiram isso.

30.671 compartilhamentos

## Postagem 8



Curtir · Comentar · Compartilhar

96 pessoas curtiram isso.

1.540 compartilhamentos

Mais uma vez, o professor é representado pela figura feminina tanto na postagem 7 quanto na postagem 8. Na postagem 7, a professora informa ao lendário personagem Joãozinho a situação de suas notas escolares. O que deveria ser um momento importante do trabalho docente se transforma em uma piada, pois o achincalhamento social se corporifica na fala atribuída ao Joãozinho que, na verdade, retumba a polifonia de desvalorização a que o professor está submetido no contexto da educação brasileira.

A postagem 8 é objetivada pela imagem de outra mulher. Ela está andando pelas ruas de sua cidade e o leitor só fica sabendo de sua profissão porque os ladrões decidem por não assaltá-la. Deve chamar a nossa atenção o fato de que a professora não foi assaltada devido ao seu respeito e valor perante a sociedade, mas sim devido ao fato de ela pertencer a uma classe profissional que ganha pouco e, por isso, não desperta o interesse dos bandidos, que temem ter de emprestar seu dinheiro à professora. É importante considerar que a professora é seguida por um cãozinho vira-lata, o que pode recordar os moradores de rua cuja única companhia é sempre a de um cãozinho com quem divide a comida e a vida.

As duas imagens analisadas, acima, demonstram o quanto neste país o professor é motivo de piada. Estas imagens são fortes e suscitam muitas reflexões. Qual o atrativo que

o governo constrói para que os jovens optem por essa profissão? Que incentivo é dado ao estudo a um profissional cujo objeto de trabalho é o ensino? De que as novas gerações terão do que se orgulhar se os jogadores de futebol são mais valorizados do que seus professores? Deparamo-nos, portanto, com a contradição nas promessas da escola, quando dizem para nossos alunos que estudar possibilita-lhes uma melhor condição de vida. Desta forma, a representação social de professor que estamos analisando pode suscitar alguns questionamentos nos mais jovens, tais como: Por que o professor, que estudou e ainda estuda bastante, trabalha tanto e ganha tão pouco? Será que estudar realmente nos possibilita ter uma melhor condição de vida? E por que o professor não dispõe dessa qualidade de vida, sendo este alguém que tanto estudou? Vejamos os comentários e a entrevista que reforça essa representação da profissão professor em nossa sociedade.

Triste realidade! Com isso nossos professores estão desmotivados e nossos governantes não estão preocupados com a situação. **(Comentário 15)**

São estes profissionais tão desvalorizados que estão formando o mundo de amanhã, como o mundo será? **(Comentário 16)**

No contexto social em que estamos vivendo, o respeito ao professor é mínimo e isso também se reflete em muitas famílias e os filhos (nossos alunos) tem essa imagem de nós professores. **(Entrevista 03)**

Como percebemos nos comentários dos internautas que curtiram essa postagem, as piadas em relação à profissão docente, faz com que muitos profissionais se sintam desmotivados, sem nenhum valor social. Vale salientar que essa desmotivação no trabalho afeta diretamente na sua ação docente e, conseqüentemente, pode afetar a aprendizagem dos alunos.

## Conclusão

Neste artigo, tivemos como objetivo descrever aspectos da Representação Social do professor propagada no Facebook e, em função disso, fundamentamos a nossa análise no conceito de Representação Social de Serge Moscovici. O lócus da pesquisa foi a referida rede social e os sujeitos que colaboraram com o nosso trabalho foram os internautas que curtiram, compartilharam e, sobretudo, comentaram as principais postagens, que dizem respeito à profissão docente nas seguintes *fanpages*: a) “Profissão Professor”, b) “Professor da Depressão” e c) “Acorda Cidadão! Movimento de Cidadania e Politização”. Além da análise dos comentários, realizamos também quatro entrevistas via Facebook e e-mail com os internautas que curtiram e compartilharam as imagens que representam a profissão professor.

Após a análise dos comentários e entrevistas, identificamos que a Representação Social do professor é de alguém que trabalha exaustivamente, ganha pouco em relação ao que trabalha e, por isso, é malsucedido na vida. Vale ressaltar que relacionado a essa representação central, identificamos também que: 1) o professor precisa de mais de uma ocupação profissional, ou seja, o trabalho docente não é a sua ocupação principal; 2) a profissão professor é desprestigiada se a compararmos com as outras profissões; 3) o professor não pode ser apenas professor, ele tem que desenvolver inúmeros papéis para receber o salário que ganha; e, por fim, 4) ele é motivo de piada perante a sociedade.

Concluimos, portanto, que essa Representação Social do professor se deve ao fato de vivermos em uma sociedade capitalista, na qual as pessoas valem pelo que tem. Sendo o professor alguém que ganha pouco com relação às outras profissões, sua profissão se torna desprestigiada socialmente. No entanto, não levamos em consideração a importância do professor na formação de sujeitos críticos, na formação de cidadãos. Perguntamo-nos como um país pode se desenvolver se a sociedade não valoriza o professor, profissional este que tem um papel fundamental no desenvolvimento dos sujeitos?

Esperamos, portanto, que esta pesquisa possa contribuir com a discussão sobre os efeitos que os simples atos de curtir, compartilhar e comentar postagens nas redes sociais representam para a vida prática das pessoas. Os resultados de nosso estudo mostram que a profissão docente anda longe de ter prestígio perante a sociedade e isso pode ser catastrófico na medida em que é do professor que a sociedade cobra a formação do cidadão de bem, mesmo que a ele não sejam dadas as condições mínimas de trabalho e muito menos o reconhecimento social pelo trabalho relevante que desempenha em um país inebriado pelas desigualdades.

## Referências

ARAÚJO, J. **Os chats**: uma constelação de gêneros na internet. Tese de Doutorado em Linguística. Fortaleza: PPGL/UFC, 2006.

ARRUDA, A. Representações Sociais: emergência e conflito na psicologia social. **Revista Laboratório e Política** do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, p. 115 – 131, dez/ 1992.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

FERNANDES, D. G. **Alfabetização de Jovens e Adultos**: ponto críticos e desafios. Porto Alegre, editora: Mediação, 2002.

FERNANDES, D. G. Representação Social: teoria e funções. *In*: FERNANDES, D. F. **Alfabetização de Jovens e Adultos: pontos críticos e desafios**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002, p. 15 – 29.

SÊGA, R. A. O conceito de Representação Social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**. Porto Alegre, n. 13, p. 128 – 133, Julho, 2000.

YUAN, Y. (2003). The use of Chat rooms in an ESL setting. **Computers and composition: an international journal**. v. 20. number 2, p. 194-206.

**RECEBIDO EM: 25/11/2015.**

**APROVADO EM: 23/02/2016.**